

novos ou verdades definitivas. Ele se propõe a reforçar, agora com uma linguagem espiritualizada, a mensagem que Dom Helder viveu e pregou no decorrer de sua vida terrena. Muito interessante seria, para quem quisesse conhecer melhor a vida e a obra de Dom Helder e quisesse testar a proximidade das mensagens deste livro com o que Dom Helder escreveu em suas múltiplas poesias, discursos, palestras, meditações e livros, que entrasse em contato com o CEDoCH (Centro de Documentação Helder Camara), no Recife/PE-Brasil, que conserva todos os escritos e memória da vida terrena de Dom Helder Camara. Durante a pesquisa pode-se absorver mais profundamente a sua espiritualidade.

Conforme declaração do médium Carlos Pereira, este escrito não se dirige especificamente a leitores espíritas, mas a todos que queiram comungar com o mundo espiritual de Dom Helder, um verdadeiro profeta do século XX e um sacerdote da humanidade.

Que todos se identifiquem espiritualmente com as mensagens espirituais deste livro.

Que Deus nos abençoe.

*Inácio Strieder.
Filósofo e Teólogo.*

Apresentação

A luz que vem do outro

Todo livro é um diálogo entre quem escreve e quem lê. Entretanto, este que, agora, você tem nas mãos é, especialmente, um exercício espiritual de diálogo, porque se apresenta como um livro psicografado. Tem um autor espiritual que é Dom Helder Camara que o ditou ao irmão Carlos Pereira, fiel intérprete e obediente escrivão destas sábias páginas.

Prefaciarmos um livro é referendá-lo e aceitar ser para o autor como um paraninfo que o introduz em um novo círculo de relações. Normalmente quem faz o prefácio é sempre um autor mais famoso e consagrado que apresenta aos leitores um outro que precisa ser apresentado. Ao pensar que o autor deste livro é meu mestre e pastor Dom Helder Camara, senti-me incapacitado de escrever um prefácio para esta obra. Entretanto, o irmão Carlos Pereira me pediu e ele deve saber o que está fazendo. Quando o mistério é grande demais, o jeito é deixar-se envolver por seu encanto e buscar espiritualmente a lição que Deus nos dá através do desconhecido. A realidade tem sempre diversas faces e epifanias. O mesmo fato pode ser visto e interpretado, ao menos, por dois ou mais lados. O Judaísmo acredita que tudo na Bíblia, até a lei divina, é passível de interpretações divergentes. Conforme a tradição judaica, um dia, um discípulo perguntou a um santo rabino porque, no monte

Sinai, para escrever sua lei, Deus precisou de duas tábuas de pedra e não só de uma única. O rabino respondeu: - Para que se saiba que há, ao menos, duas interpretações válidas para cada lei.

Quem, em sua fé, aceita o fenômeno da psicografia, não procura provas nem busca semelhanças entre este escrito e as muitas obras que, no tempo em que estava conosco, o Dom nos deixou. Acolhe na fé esta obra e aproveita as lições espirituais aqui contidas. Quem rejeita tal interpretação, pode, assim mesmo, ler este livro como herança espiritual de Dom Helder, pois se situa na mesma tradição da espiritualidade da paz, da não violência e da solidariedade que o Dom sempre nos ensinou.

Em 1994, Dom Helder escrevia a amigos da Itália, reunidos no movimento *Mani Tese* ("Mãos estendidas"): "...Não estamos sós. Por isso, não **aceito a resignação** e o desespero. A fome será vencida. No final, haverá paz para todos. Neste universo, a última palavra nunca poderá ser a morte e sim a vida! Não poderá ser o ódio, mas o amor! Não poderá ser o desespero, mas a esperança. Nunca as mãos enrijecidas, fechadas no ódio. Mãos estendidas e unidas na solidariedade e no amor para com todos".

Aqui, nestas páginas, o estilo e o conteúdo mais expresso podem parecer diferentes, assim como os destinatários desta obra não são mais apenas os que o escutavam em sua peregrinação terrena. Dom Helder sempre insistiu que a unidade não só respeita as diferenças, mas pode delas nutrir-se. O amor pode transformar as diferenças em complementaridade. Para ele, o Diálogo é elemento intrínseco e essencial a toda religião e nos faz repensar nossa idéia de Deus e de espiritualidade. Por isso, ser solidário é o modo normal da pessoa viver no mundo e ser feliz, como já dizia o monge Thomas Merton: "*Nenhum*

ser humano é uma ilha". É a base mais viável para construirmos sociedades firmadas sobre a defesa intransigente e permanente dos Direitos Humanos. Somos felizes por viver em um mundo, no qual estes caminhos nos são abertos.

Para mim que quero consagrar-me e doar a minha vida a esta causa do diálogo e da unidade entre os diferentes, este livro me apaixona porque lendo além das linhas e entrelinhas, sinto como se a sabedoria aqui transcrita, não vem apenas de Dom Helder e menos ainda do amigo Carlos Pereira. São inspirações do Espírito Divino, energia de paz, que "sopra onde quer, ouve-se a sua voz, mas não sabe para onde vai nem para onde vem" (Jo 3, 7ss). A mim, cristão, cada página, aqui transcrita por Carlos, sussurra um nome que me leva ao Infinito: Jesus de Nazaré. Mas, me leva também a outros nomes que são sinônimos de amor e de paz, nas mais diferentes religiões e nas mais diversas culturas: Confúcio, Buda, Maomé, Zumbi dos Palmares, Maíra. Que riqueza! Nenhum mortal pode amordaçar a ventania. O mistério é nossa Paz e os caminhos religiosos, se conseguem sê-lo, podem apenas ser nossas parábolas de amor. Como, no século IV, escreveu Agostinho: "Apontem-me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Dêem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspira pela fonte da vida. Mostre-me esta pessoa e ela saberá o que quero dizer".¹

Marcelo Barros²

¹ - AGOSTINHO, Tratado sobre o Evangelho de João 26, 4. Cit. por Connaissance des Pères de l'Église 32- dez. 1988, capa.

² - Marcelo Barros, natural de Camaragibe, é monge beneditino e teólogo. Durante nove anos (de 1966 a 1975) foi secretário de Dom Helder para a relação ecumênica com as Igrejas cristãs e as outras religiões. É escritor e tem 30 livros publicados.